

# Réquiem para quem 'falou ao coração dos brasileiros'

BRASILIA — Cinco Presidentes, um Primeiro-Ministro e dois Chanceleres estrangeiros participaram ontem de manhã, em Brasília, das homenagens fúnebres ao Presidente Tancredo Neves, nas quais a participação popular foi bem menos expressiva que no dia anterior, quando da chegada do corpo à Capital Federal.

A última homenagem oficial a Tancredo Neves, a ele conferida na qualidade de Chefe de Estado, teve como momento mais importante a missa de réquiem, no salão de honra do Palácio do Planalto, concelebrada por dez Cardeais e Bispos, dois deles enviados pelo Papa João Paulo II como seus representantes: D. Agnelo Rossi e D. Lucas Moreira Neves, primo distante de Tancredo.

Com o encerramento da visitação pública, às 7 horas, apesar dos protestos daqueles que durante a noite da segunda-feira e a madrugada de ontem não conseguiram ver Tancredo Neves em câmara ardente no salão de honra, uma hora depois começaram a chegar as delegações estrangeiras e autoridades brasileiras convidadas para a missa de réquiem. O primeiro a chegar foi o Presidente de Portugal, Ramalho Eanes, às 8 horas.

O amplo salão vazio foi aos poucos sendo ocupado por alguns parlamentares, todos os Ministros de Estado, o Presidente das Organizações Globo, Roberto Marinho, delegações estrangeiras (somente o Presidente do Paraguai, Alfredo Stroessner, veio acompanhado de 40 pessoas, o que causou um pequeno embarço ao Cerimonial do Planalto) e representantes diplomáticos.

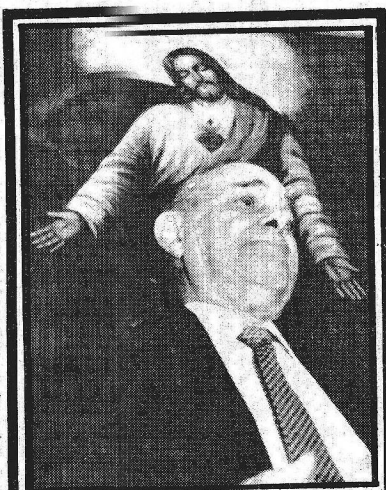
Quinze delegações estrangeiras se fizeram representar nos funerais de Tancredo Neves e, além de Eanes e Stroessner, estiveram os Presidentes do Uruguai, Júlio María Sanguinetti, da Venezuela, Jaime Lusinchi, e da Colômbia, Belisário Betancourt. A Inglaterra foi representada pelo Vice-Chanceler, Lady Young; a França, pela Primeira-Dama Danielle Mitterrand; os Estados Unidos pelo Secretário de Comércio Malcolm Baldrige. Estiveram também na cerimônia os Chanceleres Jaime Del Valle (Chile) e Luiz Percovich (Peru).

A missa de réquiem foi iniciada às 9 horas, exatamente dentro do horário (todos os horários, ontem, foram obedecidos) com a chegada do Presidente José Sarney, ladeado por sua mulher, D. Marly, e por D. Risoleta Neves e seguido pelos parentes e amigos mais íntimos de Tancredo Neves.

Nas orações durante a missa, revesaram-se na concelebração os Cardeais D. Agnelo Rossi (Roma), D. Eugênio Sales (Rio de Janeiro), D. Avelar Brandão (Bahia), D. Evaristo Arns (São Paulo) e D. Lucas Moreira Neves (Roma), além dos Bispos D. José Newton (ex-Arcebispo de Brasília), D. Luciano Mendes de Almeida (Secretário-Geral da CNBB), D. José Freire Falcão (Brasília) e D. Manoel Pestana (Anápolis), e o Monsenhor Geraldo Ávila (Brasília).

Coube a D. Luciano Mendes de Almeida proferir a homilia em memória de Tancredo Neves. Ele disse, inicialmente, que três momentos foram intensamente vividos pelo País e pelos brasileiros nos últimos dias: "A calçada, o cortejo e o próprio caminho".

A calçada, segundo ele, representou para todos o grande Ministério, porque "todos esperávamos que a nossa fé pudesse dar vida a Tancredo Neves", e essa calçada foi simbolizada pelas longas vigílias do povo nos hospitais de Brasília e São Pau-



★ 1910 † 1985

lo, à espera de uma notícia melhor, que terminou não chegando.

O Cortejo, segundo ele, revelou o segredo da tolerância como instrumento político, pois abriu o coração dos brasileiros para diversas posições no anseio da grande conciliação. O Presidente Tancredo Neves "falou aos corações das crianças, despertou a esperança dos jovens, atingiu a todos, e todos, de todas as classes e camadas sociais, reconhecem na pessoa de Tancredo Neves o seu Presidente". Ele lembrou ainda que o cortejo representou uma consagração popular espontânea, ampla e singela, como a missa de réquiem.

Sobre o caminho, D. Luciano Mendes de Almeida lembrou os exemplos da morte do Papa João Paulo I

**“Ele fica para nós como aquele que apontou ao longe os caminhos de uma nova sociedade”**

D. LUCIANO DE ALMEIDA, na homilia da missa de réquiem

(morreu um mês depois da posse) e de Moisés, que levou o seu povo à terra prometida sem chegar a vê-la".

— Nós pensamos, também, neste chefe que apontou os caminhos e que ofereceu a sua vida a Deus. Não só uma grande inteligência compõe os seus dotes naturais, mas a sua fé, a sua capacidade de conciliação. Mas, agora, ele fica para nós como aquele que apontou ao longe os caminhos de uma nova sociedade — disse o Secretário-Geral da CNBB.

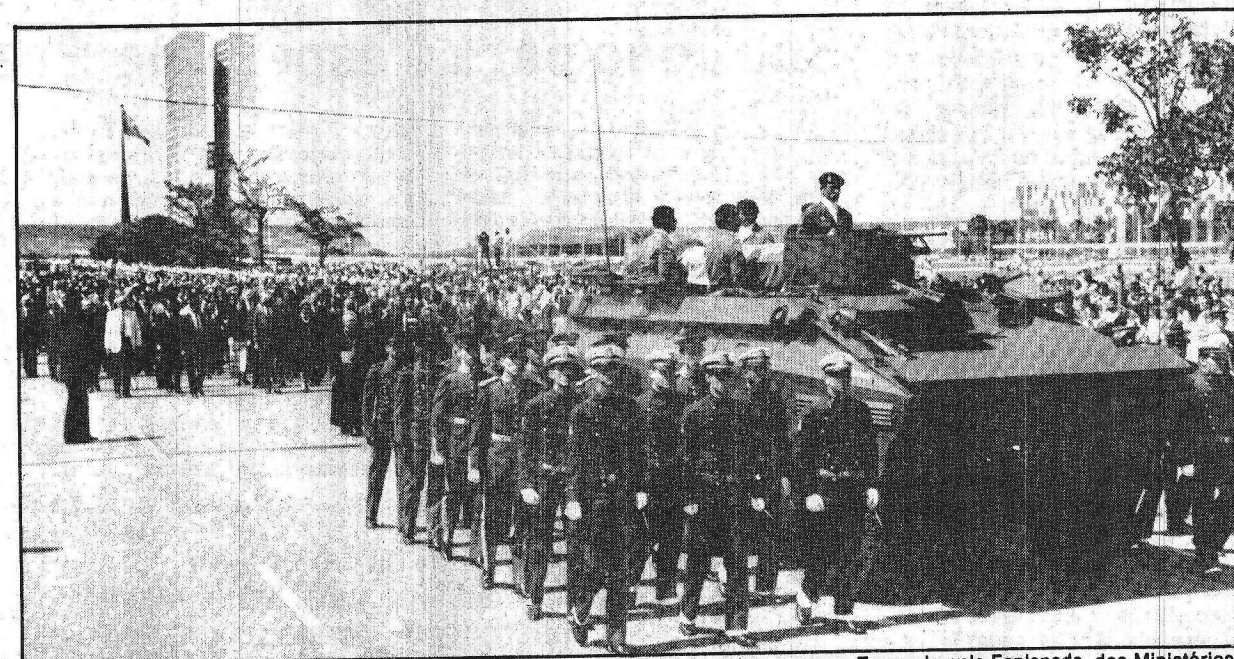
— Temos diante de nós um exemplo de dignidade e de grandeza para as futuras gerações — disse, D. Luciano Mendes de Almeida — e nós temos como herança, governantes e governados, um anseio de realizar aqueles ideais que Tancredo Neves deu no coração do povo e dos quais ele se fez portador da maior comunhão e participação popular, no uso pleno do seu direito e no cumprimento pleno dos seus deveres.

Após a homilia e a comunhão, dada por D. Agnelo Rossi alguns poucos fiéis que se encontravam no salão de honra, Presidente José Sarney, acompanhado por D. Risoleta, Tancredo Augusto e Aécio Neves Cunha, fechou o ataúde de Tancredo Neves, colocando uma parte da tampa de pinho sobre o vidro que permitia a visão do rosto do falecido Presidente da República.

Sarney, D. Risoleta, parentes de Tancredo, as delegações estrangeiras, os Ministros de Estado e os Governadores retiraram-se, então, para o terceiro andar, pela rampa interna do Planalto, para aguardar os preparativos para a saída do corpo de Tancredo Neves pela rampa externa, às 11 horas, para as homenagens militares no eixo-norte da Esplanada dos Ministérios e a ida para Belo Horizonte, às 13 horas.



Sarney, D. Risoleta, Tancredo Augusto e Aécio fecham o visor do caixão, logo depois da missa de réquiem no Palácio do Planalto



Ladeado por cadetes e seguido por D. Risoleta, parentes e autoridades, o Urutu carrega Tancredo pela Esplanada dos Ministérios